



# Gaiato



**PORTE PAGO**

Quinzenário \* 21 de Agosto de 1982 \* Ano XXXIX — N.º 1003 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## NOTAS DA QUINZENA

● Trouxeram-nos um menino-bébé! Seus pais embrulharam-no num lençol e puseram-no à porta dumas senhoras. Estas colocaram-no em um cestinho, alugaram um táxi e vieram entregá-lo. Nós atropalhados, comunicámos à autoridade.

Vi-o no cestinho, cândido, impotente e confiante — movimentando pessoas, carros e telefones! O silêncio de Jesus e tudo correndo!

Telefone: uma família sem filhos quer o menino. Se pode ser já? (O desejo grande dum filho!) Não pode. Mais telefone: outras famílias a quererem o menino. Ele assistindo a tudo, silencioso, tão querido! «O que ele precisa é de mamar» — pensel. E foi para a maternidade.

Ninguém é dono do menino. Nenhum pai é proprietário de filhos. Os pais deram a vida que lhes foi dada — e que veio de Deus. Todos os filhos, no mundo, são filhos de Deus. Só há um Pai — que está no Céu.

● Tenho bem viva a imagem da família africana, onde os filhos são desejados e queridos. Nunca são um fardo; mas um bem que vem de Deus, um amor que ultrapassa tudo.

Um dia, numa povoação, muito longe, fui recebido num lar africano. A mãe tinha dado à luz, um dia antes, o décimo primeiro filho. Este, ao peito; o seguinte, nos joelhos; logo outro, agarrado à saia. Uma escada com onze degraus bem juntinhos. Deu-me ideia dum presépio — porque todos os olhares cravados no mais pequenino. O menino-rei-senhor que veio e encontrou amor.

Que contraste com o nojo da nossa civilização onde, tantas vezes, a barriga da mãe não traz alegria — mas preocupação e fastio!

Nós dizemos que é falta de espaço, futuro incerto, mais um que vai precisar de emprego e casa. Como donos, queremos resolver tudo: casa, emprego, construção da cidade — como se aqui fosse a nossa Pátria. O Evangelho dos lírios do

campo não nos diz nada... Queremos ser nós a possuir, a gozar todas as coisas, a ditar todas as leis. Agarramos os filhos como nossa propriedade e prendemo-los a este mundo, em vez de os projectarmos na Eternidade.

● Ainda outro pensamento, nestas notas, me foi sugerido pela pressa de uns tios que quiseram despachar quatro sobrinhos, órfãos por um desastre dos pais. Despachar é o termo.

«Não temos lugar» — disseram. Têm lugar e haveres. Falta o amor. Ou antes, o filho único implantou um muro de egoísmo que impede a visão dos espaços e de Deus.

Em África, quando acontece morrerem os pais, o tio materno, mais velho, toma os filhos e leva-os para sua casa. Sem problemas — e com a maior simplicidade — torna-se o pai das crianças. Conheci famílias de 10, 15 e 20. Nunca vi qualquer diferença no tratamento dado a filhos e sobrinhos por parte dos pais. Não passam fome ou andam nus por serem muitos.

Deus veste os lírios!  
Homens de pouca fé!

Padre Telmo

## A REEDIÇÃO DO «PÃO DOS POBRES»

Têm aparecido leitores curiosos do Pão dos Pobres, obra composta de três volumes, os últimos dos quais (2.º e 3.º) acabamos de reeditar.

Como quem não deseja perder uma pérola de um colar, surgem requisições dos três volumes — ficando os leitores com a obra completa. Outros vão mais longe! Pedem a colecção dos restantes livros de Pai Américo: Isto é a Casa do Galato, Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina; e,



Tem-se escutado aos ignorantes, um reparo muito severo à nossa organização com estas palavras textuais: «Fulano diz ser muito amigo dos rapazes mas obriga-os a trabalhar». Nós já cá sabemos que a ignorância não faz cerimónias e entra por qualquer porta, atrevidamente. Sim, já sabemos; mas gostamos de frisar este conhecimento com novos exemplos, para aumento de convicção.

Ora a razão da minha amizade por estes rapazes consiste em levá-los mansamente ao gosto pelo trabalho e, uma vez assim afeiçoados, eles mesmos — por suas próprias mãos — tomam-no alegremente, de sol a sol. Pode ser que mais tarde eles venham a conhecer as oito horas de trabalho...

*P. Américo*

## PARTILHANDO

Deste cantinho sossegado que é o Sameiro, vou escrever duas linhas — dois casos. Tenho à minha frente uma mata enorme de cedros e eucaliptos, cheia de ar fresco, onde os passarinhos cantam sem se can-

çar e aí têm seus domínios e suas casas. São os seus direitos! E lá ao fundo a cidade dos homens — Braga — como as outras cidades bem cheia de preocupações, ruídos, problemas e distrações. Aqui em cima, durante dois dias não soube o que isso era. Apenas sossego!

Mas vamos aos casos. Tragos de Casa, na ideia. O primeiro diz respeito ao Miguel. Por acaso, e coincidência, ele é daqui, de Braga. Desde pequeno que a nossa Casa é também a dele; e agora é altura de ele querer a sua própria casa. É a idade adulta: o seu emprego, a sua noiva. Será o casamento. Há já um ano que o nosso Miguel comprou o terreno para construir a casa e mais não fez desde então do que aturar os papéis de toda a gente. A lei deve servir as pessoas — com simplicidade!... Ora, o Miguel está há um ano ao serviço da lei, por causa da sua moralidade. E, agora, só agora, irá abrir os duros alicer-

ces para aí colocar o primeiro tijolo já quase quebrado e desfeito pelo tempo de tantos contratemplos. Da vitória moral sobre as leis vai agora passar à material. Qual a mais fácil? Da gente cara vai passar às coisas caras... Quantas dificuldades, meu Deus, para quem quer ter uma casa sua para habitar!...

Oh! passarinhos que felizes sois quando cantais a alegria dos vossos direitos lá nos matagais! Os homens, às vezes, invejam a vossa alegria...

Outro caso: É o «Vila Real». Assim chamado por ser de Vila Real e gostar de tudo o que é de lá. Um digno representante de tão linda cidade! Em nossa Casa, ele é o servente da mesa dos senhores. E gosta de servir os outros, de andar de pé, enquanto todos estão sentados. Não gosta da comida quente. E serve com alegria... Que grande dom! Hoje é coisa rara.

Outro trabalho seu é o da

Cont. na 3.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Praia de Mira

Sol, mar, areia, pescadores, peixe, bancos, bois, tudo nos ajuda a ser alegres, aqui, na Praia.

Esta nossa casa abriu as portas logo nos primeiros dias de Junho aos velhinhos do Lar de S. José, da Covilhã. Eles, com todo o entusiasmo, passaram as suas férias à beira-mar e sentiram-se muito felizes e agradecidos.

Depois foram os nossos mais pequeninos, que ainda não têm Escola, com a senhora Maria do Rosário. No último dia de Escola foi o primeiro grupo numeroso com o Zézito a chefe e os dez que fizeram a 4.ª classe e quase todos os vendedores de O GAIATO que mereceram um prémio. O «Carriço» marca na cozinha e tem medo da água!

Agora já estamos com o segundo grupo chefiado pelo Manuelzito e a senhora Ana trocou com a senhora Maria do Rosário. A senhora Mabilia, que anda sempre a brincar e a dar mimos aos mais pequeninos, também está a passar férias connosco.

Muitos já estão queimadinhos e o mar e o sol têm-nos ajudado para uma estadia calma e os pescadores têm continuado a oferecer-nos o peixe a saltar das redes. Que bom!

A última grande novidade é o barco. Um barquinho muito lindo que um senhor de Cascais ofereceu e fomos buscá-lo à nossa Casa do Gaiato do Tojal. É, agora, o centro da nossa atenção, tanto dos «batatinhas» como dos «batatões».

Antes de o levarmos para a Barrinha batizámo-lo com o nome O GAIATO. O Martins fez-lhe dois remos e o João fez-lhe um carrinho de rodas. Dois artistas das nossas oficinas. O novo pintor, o Adelino, desenhou-lhe O GAIATO.

Ao levá-lo para a Barrinha fizemos um cortejo e as pessoas ficaram a olhar para nós e para o barco.

Naquela tarde todos andámos de barco. Foram seis grupos. Ouviram-se risotas e gritos de contentamento. O Paulito e o Adelino foram os primeiros remadores. O nosso Padre Horácio também foi.

Todos queríamos andar muito tempo, mas éramos muitos e todos queriam dar uma voltinha.

Regressámos a casa muito contentes. Foi uma bela tarde que terminou com um longo banho de mar e um bom jogo de voleibol na areia.

Boas férias para todos os que nos lêem.

Guido

## O GAIATO n.º 1000 no Centro do País

Recordando O GAIATO número mil, vem-me à memória a ansiedade com que ele era esperado.

Embora de feições mudadas — «outra cara», como muitos leitores disseram — o conteúdo e a finalidade foram os mesmos: mensageiro do Bem.

Venderam-se muitos mais do que esperávamos e muitos não puderam recebê-lo! Foi pena que não chegasse a todos os Amigos, pois foi uma

grande mensagem de doutrina.

O número mil deixou-nos marcado quanto bem é aceite o nosso jornal. Nós, no Centro, vendemos todos os que pudemos receber da tipografia: 10.500 exemplares. E apurámos 120.658\$50.

Leitores de há muito tempo esperaram-nos impacientemente e vários companheiros — que distribuíam O GAIATO na rua — tiveram de ir a Casa buscar mais jornais! As prendas e os mimos e carinhos aumentaram também.

Pela nossa parte procurámos que o jornal fosse festivo e continuamos a alertar as pessoas para o bom-senso e que se deixem de egoísmos e procurem ajudar o Próximo.

O número mil abriu um bom caminho para o dois mil e nós esperamos daqui, até lá, que O GAIATO continue a ser um visitante querido de todos os Amigos.

Chiquito Zé

## Paço de Sousa

DESPORTO — O futebol volta a estar em evidência. Defrontámos uma equipa de Ramalde (Porto) — os Naranjitos — que, a princípio, nos



Ricardo Miguel, de dois meses, filho do José Alberto e Ana Paula.

levou a pensar que teríamos um bom adversário...

O jogo decorreu da melhor forma. Agradecemos a boa compreensão da equipa visitante no decorrer do desafio, que chegou ao fim com o resultado de 6-2, favorável ao Grupo Desportivo da Casa do Gaiato.

OBRAS — A nossa Aldeia apresenta outra vista! Já terminou o calçamento de algumas ruas e o arranjo da bela avenida principal — nesta altura estreita para tantos veículos e pessoas que nos visitam. A avenida levou uma nova camada de asfalto e tem, agora, um bom tapete para o trânsito.

## NOCTURNO

Nas montras ineidindo quase fogo e meia-luz no coração da praça a lâmpada acompanha em cada lance o jogo e aquece o vinho no cristal da taça.

Do rímel ao verniz — cremes perfumes anéis colares peles de vison...  
Mentol disperso adoça os azedumes e o uisque afoga excessos de inflação.

Ambientando encontros duvidosos tardam pelos salões as notas dum piano e do veludo erguem-se langorosos beijos humedecidos com cinzano.

De trás da cortina surge um rosto belo: derrete-se o gelo dispõe-se a retina a música abranda borbulha o limão de pano na mão um corpo ciranda...

A mesma hora some-se o padeiro na curva e um vulto remexendo os lixos acha que desta vez foi o primeiro a disputar o alimento aos bichos.

Nos viadutos o colchão é duro e além de frio inclina para a estrada e os faróis riscam para lá do muro e a noite avança e não se dorme nada.

No mesmo lamaçal a mesma aragem fria regelaria o sono de José e de Marial

Acomoda-se então o corpo pelos portais esquecendo a cabeça no instante em que enlouqueça adormecer a fome entre jornais.

Junho/82

santos kim

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A telha nova já reluz no (que foi tosco) barraco do velhinho! Era um amontoado de pedras sobrepostas, mal calafetadas; armação pôdre, coberta de ardósia quebrada e desconchavada.

— Quando a obra estiver arrumada, tem de vir cá!

Foi uma exigência que gesticulou com as mãos trémulas — e sorriso nos lábios. «Tem de vir cá!»

Consolamo-nos ver o andamento da obra, ao longe; olhos espriados pelo cimo do monte. Mata pujante. O resto da colina recortada de leiras viçosas e lugarejos em expansão urbanística. No sopé está a moradia debruçada sobre minifúndios — vale de terra úbere com extenso manto verde de milheirais quebrados por ramadas do afamado vinho verde — único no Mundo! — precioso néctar que não atingiu, ainda hoje, todas as suas potencialidades no mercado internacional...

Concluída a reparação da moradia — pelo sistema de Auto-construção — o ninho será, querendo Deus, um grande motivo para o pobre homem viver um pouco mais.

— A gente não sabe como agradecer este bem do Senhor, nosso Deus. Vivíamos aqui assim..., há muitos anos. Aqui foram criados os nossos filhos. Nem sei como...! — disse ele, a última vez que nos encontramos.

● É uma moradia do Património dos Pobres que Pai Américo trouxe, de África, em 1952; a Casa dos Funcionários Administrativos de Manica e Sofala. Ela e mais duas formam um belo conjunto, na beirada da estrada Porto/Entre-os-Rios. Todas as vezes que ali vamos — e são tantas! — ficamos suspensos pelo calor de generosidade que, por África, naquele tempo, empolgou gente de todas as raças, cores e crenças. Um Céu aberto!...

A mulher estava na cozinha. Abre a porta da sala. O homem, grande inválido, está de cama. Quando nos vê, esquece a doença, levanta os braços, sorri; e, exuberante, aperta-nos a mão. A presença de amigos ameniza-lhe a cruz.

Pousamos um nadita nos pés da cama. Entretanto, a mulher — boa dona de casa — lembra o requerimento de prestação suplementar por grande invalidez, enviado aos serviços competentes, da CINP, em 21 de Dezembro de 1981, pelos CIT, sob registo. O médico da Caixa confirma o caso, oportunamente. Ainda não há deferimento!

— A papelada seguiu há tantos meses e eles não mandam nada, não querem saber de nós?!...

— Vamos insistir...

Naquela manhã, cheia, topamos ainda uma Viúva cujo marido serviu o Estado — como contratado — em várias obras dos caminhos de ferro angolanos e não beneficia de pensão!

A nossa atenção está já voltada para um pequeno parque infantil, que será inaugurado brevemente. Temos alguns lugares de divertimento para os mais crescidos, mas não tínhamos, ainda, um parque adequado aos mais pequenos — para os tempos livres.

EMPREGO — O trabalho é um factor muito importante para a nossa vida. Temos de pensar seriamente no futuro. Por isso, há oficinas em nossa Aldeia. E cursos de formação profissional, como o último realizado para 10 serralheiros, que terminaram as lições com aproveitamento.

Todavia, há certas coisas que nos levam a reflectir um pouco; sobretudo o desemprego, em nosso País. O tempo que os jovens perdem na procura de postos de trabalho e o natural esquecimento — durante esse tempo — de certas coisas, por vezes as mais necessárias, daquilo que aprendemos!

Na verdade, o desemprego é um grave problema da juventude portuguesa!

VISITAS — É sempre motivo de alegria, nesta altura, a visita de todos aqueles que aproveitam as suas férias para recordarem a sua casa, a sua família, a sua vida pessoal. Alegramos muito receber antigos gaiatos — que se encontram no estrangeiro como emigrantes — e que, após um ano cheio de trabalho, voltam, com um sorriso, a abraçar os companheiros de outrora, em cada uma das nossas Casas do Gaiato. Para todos, um forte abraço e votos de boas férias.

Carlos Alberto



ANO ESCOLAR — Terminou mais um ano lectivo com amargura para uns e felicidade para outros.

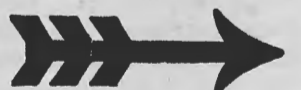
Havia apenas nove estudantes dos mais velhos. Um número escasso.

Seis estudaram de dia: quatro no sétimo, um no oitavo, outro no décimo. E três no curso nocturno: dois no sétimo e um no Ciclo Preparatório.

Infelizmente, apenas cinco transitaram de ano. Os restantes quatro ficaram no mesmo.

No próximo ano teremos mais estudantes. Apesar de tudo, esperamos que consigam encontrar os seus objectivos, ou seja, um bom aproveitamento.

César Amante



# A reedição do «PÃO DOS POBRES»

Cont. da 1.ª pág.

e comentar à estação da Missa paroquial, qual texto do Evangelho.

Lido por vós nos púlpitos e

Em 1975 organizámos um processo, que seguiu os trâmites legais, repleto de dados concretos e justificativos dos serviços prestados. Todavia, como não foi possível conseguir a *certidão do tempo de serviço* — pela mudança operada e porque os dados, na origem, foram inutilizados pela guerra — a Viúva sofre a rigidez do regulamento oficial.

— Já falei do caso do meu marido a um sr. doutor que vai muitas vezes a Lisboa... Viu o processo. Diz que está em ordem. Só falta o que teria de vir de África... Resposta do sr. doutor: — Se inutilizaram a documentação em Angola, os da Fonte da Moura têm de contentar-se, apenas, com os documentos abonatórios que V. possui. Dê-me o processo, que eu dou por lá uma volta...

Depois, com estes problemas na alma, passaríamos junto da residência de outro antigo servidor da Coisa Pública — prestez a cegar... — que, durante muitos anos, foi motorista num departamento de assistência social adstrito ao antigo Ministério do Interior. Está na mesma situação da Viúva! Desviaram as notações profissionais, da repartição, não sendo possível colher a célebre *certidão do tempo de serviço*... O processo já teria sido arquivado no Montepio ou Caixa estatal, ainda que a documentação pessoal ateste, inequivocamente, como o homem esteve vinculado a uma dependência oficial durante bastantes anos!

Como é óbvio — dirigimo-nos aos Responsáveis — a Justiça Social, expressa no espírito da Lei, fica bloqueada pela respectiva regulamentação. Não está certo! Com a agravante de haver muitos que apregoam a intenção de fazer... o que se não faz — prestar Justiça aos Sem-voz!

**PARTILHA** — A frente, segue a assinante 29844 «pronta a oferecer uma máquina de costura», usada, destinada à Viúva que referimos nesta coluna.

Durban, 10 rands. Mangualde, 300\$00. Casal assinante 17022, o costume. «Pequenina gota, por uma intenção particular», do assinante 9790 — que não falha, também! «Por alma de Teresa Guise Pinheiro», 500\$00. «Lecista de Figueira», 100\$00 por várias intenções. Cinco vezes mais, de Coimbra, «para ajudar algum Pobre mais necessitado»; e acrescenta: «Logo que eu possa sair e ir ao correio, procurarei mandar um vale». De uma anónima da capital, 2.000\$00 «para o caso que for mais necessitado». Amadora, 300\$. De Rio Tinto, 200\$00 «que achei, hoje, na via pública». Ponte de Gouveia, 550\$00; «é pouquinho, mas se Deus o permitir... hei-de voltar» — sublinha. Um vale de correio da Rua Prof. Celestino da Costa, outro da Rua Esperança Cardal — ambos de Lisboa.

É tudo. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

altares ou à mistura com outros nas montras dos livreiros, este livro não é para o público nem a ele dedicado; que o grande público, ávido de notícias e pronto a criticá-las, não no merece. É, sim, para as elites do Bem que conhecem todas as notas do sofrimento e sabem tocá-las com amor.

Não tem autor, o livro. O Padre Américo que vem na fachada, é única e simplesmente o ouvinte das queixas do Pobre a pedir pão. Há inúmeras passagens no decorrer do texto que fazem chorar a gente. São precisamente aquelas em que o Pobre se queixa, a chorar, que te fazem chorar também quando as lêes e eu quando as ouço.

Livro de lágrimas vivas vertidas por Irmãos nossos a pedir pão, não podia ter outro nome nem ser outra coisa senão somente aquilo que realmente é — Pão dos Pobres.

«Tira as tuas sandálias que é santo o lugar que pisas!» Não pode ser para o grande público, livro com tal divisa.

Mando-vos agora os exemplares do primeiro volume e, a seu tempo, farei o mesmo com exemplares do segundo e, a seguir, do terceiro; que quem ler o primeiro fica com fome de mais.

Não há nada que mais prejudique e deprecie as obras sociais do que chamar-lhes e té-

las na conta de sua obra, quem no mundo as realiza. Nem há nada que mais humilhe os obreiros do Evangelho do que alguém chamar e considerar como deles, as obras em que se empregam. Instruídos, como sois, nas coisas santas e afeitos a tocar com os dedos as «realidades que não aparecem» — vós não haveis de profanar o Pão dos Pobres, chamando-lhe, como outros fazem, a Obra do Padre Américo.

É Obra da Igreja. É Acção Católica. Quando ela, a Acção Católica, chegou à Diocese de Coimbra, organizada em linha de combate, já eu por cá andava na minha organização americana (isto é, que vem do Padre Américo) um tadonadinho fora de ordem, não há dúvida, mas talvez por isso mesmo tenha mais graça e mais rendimento.

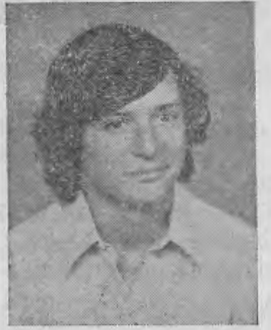
Se mais alguns sacerdotes quiserem dar de comer aos dos seus paroquianos com fome e sede de justiça, peçam o Pão dos Pobres enquanto é tempo.»

Agora, dirigindo-nos a todos os leitores, aconselhamos que não esperem a chegada do anunciado postal RSF (resposta sem franquia). Seguirá apenas quando for possível. Um trabalho desta ordem — em tempo de férias, com os naturais condicionalismos da nossa vida — tem muito que se lhe diga! Por isso, façam já os vossos pedidos, de livros, à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Júlio Mendes

Retalhos de vida

## O Álvaro



Sou o Alvaro Pereira da Palma, natural de Angola. Nasci em Luanda, a 23 de Agosto de 1966, no ano em que Portugal ficou no terceiro lugar do Campeonato do Mundo de Futebol — disputado em Inglaterra.

Fui para a Casa do Gaiato de Benguela (Angola) com a minha querida mãe, porque meu pai morreu e, pouco depois, a minha avó. Permaneci lá pouco tempo.

Entretanto, vim para Portugal — para a Casa do Gaiato de Setúbal — com a minha mãe e a minha irmã que se encontra num colégio.

Não tenho, ainda, uma vocação profissional definida. Sou estudante. Transitei para o 9.º ano de escolaridade. No entanto, gostaria de ser um jogador profissional de futebol, inclusivamente no Benfica.

Despeço-me dos estimados leitores com um forte abraço.

Alvaro Pereira da Palma

## PARTILHANDO

Cont. da 1.ª pág.

limpeza da casa-mãe. Aqui é que nem tudo são rosas! As flores da varanda bebem só quando ele quer. As salas vão sendo limpas com bastante «cera» pelo meio. Mas, há dias, foi cera mesmo a sério. Com um balde e um pano deu tamanha enceradela àquelas tábuas, já afeitas à outra «cera», que quem se descuidasse, caía!

E, tantas vezes, o «Vila Real»

me veio chamar para eu ver aquela cera toda! «Venha ver se está bonito...» Estava, sim senhor. Até era demais! E esta chamada de atenção foi também uma enceradela para o meu espírito. Olhei aquele presente e tive que esquecer o passado, ao menos, por momentos. A educação é feita assim, de pequenas coisas... mas importantes — ligadas no conjunto da vida.

Padre Moura

## Do que nós necessitamos

Do Bairro do Areeiro e dos pequenitos Rodrigo António e Teresa Cristina, 5.000\$ — fatia dum prémio do Totobola. Para vós um beijinho agradecido. 500\$ de Monção. 200\$ de Maria Helena. Mais 500\$ de Joane — Famalicão. Cruz Quebrada, 5.000\$. Duma professora primária, 1.000\$. 700\$ de Braga. 1.000\$ dum «1.º ordenado na qualidade de jurista». 500\$ de Gaia. Cheque de 20 dólares, de Chicopee — Massachusetts. Cheque de 5.000\$ do ass. 8004. Igual quantia por alma de Joaquim Correia Lucas. 757\$ de excursão dos gráficos da AMBAR. 300\$ de Ana. 1.000\$ de Cruz de Pau. 6.792\$50 de Nuno A. Silva. Por uma graça concedida, 4.000\$. E 500\$ de Coimbra. Vale de 1.000\$ do Porto. 5.000\$ do sul. E 10.000\$ por alma de Américo Marques de Oliveira.

Vamos, agora, dar passagem à maior parte das Escolas que nos visitaram e que anotei: Escola de Baltar, 897\$50. Convento — Ancede, 3.000\$. Santegãos — Rio Tinto, 6.530\$. Freixeiro — Perafita, 5.593\$. Roupas, lambarices e 1.475\$ da Escola n.º 1 de Vila Nova da Telha.

1.572\$50 de Moutidos — Águas Santas. Mais 1.315\$ de Balteiro — Gaia. 1.000\$ de Cervães — Vila Verde. 2.900\$ da Escola n.º 95, do Bairro do Viso — Porto. Mais 1.940\$ de Navais — Póvoa de Varzim. Grifó, 4.500\$. Mais 500\$ dos alunos do 2.º lugar da Escola da Praia — Esmoriz. Faltarão, ainda, outras tantas; mais por isto ou aquilo ou até pelo descuido das senhoras professoras.

Por intermédio dos nossos amigos Luís David Ferreira, L.da, cheque de 20 contos dum senhora estrangeira. 1.000\$ de M. R. 500\$ dos Carvalhos. 5.000\$ por alma de Manuel Ferreira. 200\$ de Gaia. 5.000\$ de ELGUI. 1.000\$ de António F. Lopes. Ass. 2277 com 4.000\$. Por alma de Irene Olinda, 1.000\$. Do longínquo Macau, cheque de 8.000\$. Das construções José Parente Viana, L.da, 1.000\$. E 200\$ por alma de Gertrudes. Mais 1.000\$ de duas irmãs cinfanenses. Do Bairro da Pasteleira e pelas mãos da nossa «recoveira», 2.200\$ e 482\$50 de uma avó, primeiro ordenado de sua neta. 1.000\$ do Porto. Anónimo com 1.000\$.

Mais 100\$ de Alfena. 500\$ do Porto. E 15.500\$00 e 14.150\$00 do Teatro de Sá da Bandeira, produto das migalhinhas que vão caindo no mealheiro do busto de Pai Américo, que se encontra no átrio daquele teatro.

Excursão da Paróquia de Nossa Senhora do Amial — Porto, 5.795\$50 em lindos mealheiros. 1.000\$ de Luisa. Cheque de 20 contos. 100\$ por alma de Valentim e Olinda. E 1.000\$ de Rio Tinto. Assinante, de Monte Estoril, com 200\$ mensais. Emília com 1.000\$. E 2.000\$ de Maria Rosa. E 1.000\$ por alma de José Portela. E 250\$ de Oeiras, 5.000\$ de Francelos. 1.000\$ de Braga. 5.800\$ de Paço de Arcos. Mais 300\$ de Fânzeres. E 1.000\$ agradecendo graça recebida. 2.000\$ de Alijó. E 1.000\$ de M. L. 100\$ do Porto. E 2.000\$ dum sacerdote de Valongo. 300\$ de Albergaria-a-Velha. Vale de 1.000\$, da Póvoa de Varzim. E 1.500\$ daquela senhora que prometeu enviar 100\$ todos os meses por alma de seu marido e mais 50\$ de promessa. Mais 2.500\$ de Setúbal e muita amizade. E

3.150\$ de um aumento de ordenado, de «uma portuense qualquer», louvando o Senhor por a ter inspirado que assim procedesse.

Gaia, 5.000\$ de Rosa Maria. 10.000\$ de anónimo. 250\$ da Amadora. E 2.000\$ de Vila Nova de Ourém. E 100\$ de Ilhavo. 500\$ de Castelo Branco. Outro tanto de Valbom. Mais 2.000\$ de Távira. E 200\$ de Fátima. 1.000\$ de Pombal. 6.000\$ por alma de Garibaldi. 1.000\$ de Famalicão. E 1.000\$ por alma de Francisco Sobral. 2.000\$ de Cedovim. Outros 2.000\$ dos Carvalhos. E 10.000\$ de Vilariño — Santo Tirso. Mais 500\$ de Vale de Cambra. 100\$ do Porto. E 30.000\$ de Parede. 200\$ de Viseu. 2.000\$ da Conferência de Nossa Senhora Auxiliadora — Portelinha. 5.000\$ de Cinfães. E 6.000\$ da Rua Matias Albuquerque. 500\$ de Oliveira de Azeméis. 10 contos da ass. 13122. E 1.500\$ de Celorico de Basto. 1.000\$ de uma Maria da Luz, do Porto, e muitas felicidades para o vosso lar recém-criado.

Hermínia com 5.000\$, dum pensão de sobrevivência. 500\$ de Carregal do Sal. 2.000\$ de Esmoriz. Mais 3.000\$ de Sernancelhe. E 10.000\$, «produto da venda de umas bugigangas».

Cont. na 4.ª pág.

# TERCEIRA IDADE

● Eram férias (repartidas).  
Quantos não usufruem,  
ainda, este benefício!...

O sol abre a janela. Enxota a bruma. O dia sorri! Quanto mais perto da Natureza — afirma um teólogo — mais perto de Deus e dos Outros.

Entre o cheiro salutar a iodo e os calcanhares na areia, seguimos por aí fora, sem destino, com um rol de coisas barulhando dentro de nós. Só paramos, aqui e ali, pelo esvoaçar das gaiotas, em belo rodopio; pelo sincronismo da draga e o martelar no estaleiro.

Chegamos à ponte. Outro mundo! Alvorço. Poluição. Poluições. De um lado, porém, estacamos os olhos em pequena cachoeira. Do outro, o estaleiro em grande forma — reminiscências d'antanho, pois daqui saíram caravelas à descoberta dos quatro cantos do Globo. Um lindo jardim, bem cuidado! E as águas do rio servindo de moldura ao cenário, e à majestade cenobita, altaneira, qual monumento granítico — ex-libris da urbe.

É dia de feira. O progresso arrumou carros e carroças, animais de tracção... E o mercado — bolsa de valores — é o pequeno-grande mundo de negócios e negociatas. Rondamos o movimento e pousamos no banco do jardim, à sombra das árvores mai-lo perfume das flores. Sentam-se a nosso lado, entretanto, dois idosos, pensionistas do Seguro Social. Conversam. Conversam... O forte da questão: mesa (posta) três vezes ao dia e conflito de gerações.

Um deles — mais expedito — para amenizar os custos da inflação galopante, procura convencer o outro amigo a saborear, também, o caldinho no Centro paroquial, por preço irrisório:

— Eu e a minha patroa, só na cozinha, durante um mês, gastávamos oito contos. Oito contos!... Lá iam as nossas reformas...! Agora, não. Ali, a gente trata-se bem e paga uma bagatela.

— ...  
— Se não queres, és troixa. És troixa!... Ah há orde, há farturinha. E comida variada. Eu e a patroa vamos só a casa dormir. Já não pensamos na cozinha...

Somos interpelados: — Não é verdade!?

Foi um desfiar! Desde o que se poderia fazer nas comunidades de base, até às que já realizam o fundamental em Centros de Dia (o caso vertente), em prol de quem as noites seriam tormento agreste.

Segundo as convenções, não tarda a ser o Dia Mundial do Idoso, marcado para o mês de Setembro. De S. Gregório a Sagres, mais do que festinhas e palavrado, quem dera cada freguesia cuide dos seus Pobres — diria Pai Américo; não esquecendo a Terceira Idade, cada vez mais marginalizada — até no seio da própria família!

— Anda! Vem p'ra lá co'a gente. Depois, verás... que não t'apoquentas mais. É tam barato! Permite Deus q'isto não acabe...!

Os olhos do outro companheiro menos expansivo — sempre muito arregalados — piscavam uma lagrimazita traçoera. Despede-se com um suspiro d'alívio: — Óspois conversaremos mais. Tenho d'ir...

Não regressámos vazios. Abordámos o nosso mundo! E pelo caminho continuámos a reflectir entre dois polos — miséria e abastança; em tudo quanto se poderia fazer — sem resquícios de paternalismo — de S. Gregório a Sagres, da farta Europa ao Terceiro Mundo da fome.

● Em mensagem dirigida aos participantes da Conferência Mundial sobre a Terceira Idade — em Viena de Austria — o Santo Padre afirmou: «Uma sociedade verdadeiramente consciente dos seus de-

veres para com as gerações que contribuíram para fazer a História do país deve dotar-se das instituições apropriadas». E enumera certos pontos que merecem uma «particular adesão da parte da Santa Sé», entre eles «a atenção dispensada às pessoas de idade, a qualidade actual da vida dos Idosos e do respeito pelo seu direito em permanecerem membros activos numa sociedade que ajudaram a edificar».

Na sessão inaugural da referida assembleia, o secretário-geral das Nações Unidas, Peres de Cuellar, disse que o resultado prático que se espera é que ela «aborde com clareza e determinação, o impacto do envelhecimento das populações nas respectivas sociedades e seja compreendido e respeitado o vínculo que existe entre as gerações, sem o qual a vida humana perde significado».

Assim seja!

Júlio Mendes

Cont. da 3.ª pág.

200\$ de Lisboa. E 500\$ de Bragança. 300\$ de Olhão. 200\$ por alma de António Moura Pereira. E 2.000\$ de Ermesinde. Sufragando a alma do P.e Agostinho Nunes, 2.430\$ de Válega. Mais 5.000\$ de Espinho. E 1.000\$ de Maria José. Anónimo com 3.000\$. E Faro com 3.500\$. Do Caramulo, 1.000\$. Em memória de Angela da Graça, 1.500\$. Mais 10 contos de Gaia. 500\$ de Benfica. 1.000\$ por alma de Júlio Jacinto. 1.000\$ de Aveiro. 5.000\$ de Miramar. Amêndoas e 2.000\$, de Espinho. 2.000\$ de Gaia. 500\$ de Ermesinde. Por alma de Amélia e Manuel Ramos, 500\$. Vale de 25 contos para ajuda dos dois frigoríficos pedidos para a nossa colónia de mar, em Azurara.

Dum paroquiano de Amoreira da Gândara — e pelas mãos do seu Paróco, nosso amigo — cheque de 3.000\$. De Unhais da Serra, 150\$. Em memória de Manuel Pereira da Costa, 1.000\$ do Porto. E 42 contos da Rua Faria Guimarães. Mais 500\$ de Castelo de Paiva. 1.000\$ de Damaia. Cheque de 5.500\$ de Gondomar. 1.000\$ de Lisboa. Mais 1.000\$ por alma de Irene Olinda. E 500\$ dum pintor da Câmara de Gaia. E mais 10.000\$, de Águeda, «pele eterno descanso de dois entes queridos». Vale de 2.000\$ dos funcionários da Direcção-Geral da Marinha de Comércio. 1.500\$ de S. Pedro do Sul. Em comemoração do número 1.000 de O GAIATO, vale de 3.000\$ de Valongo. 500\$ de Oliveira de Azeméis. 200\$ de Monte Estoril. E 1.500\$ da Gafanha da Nazaré.

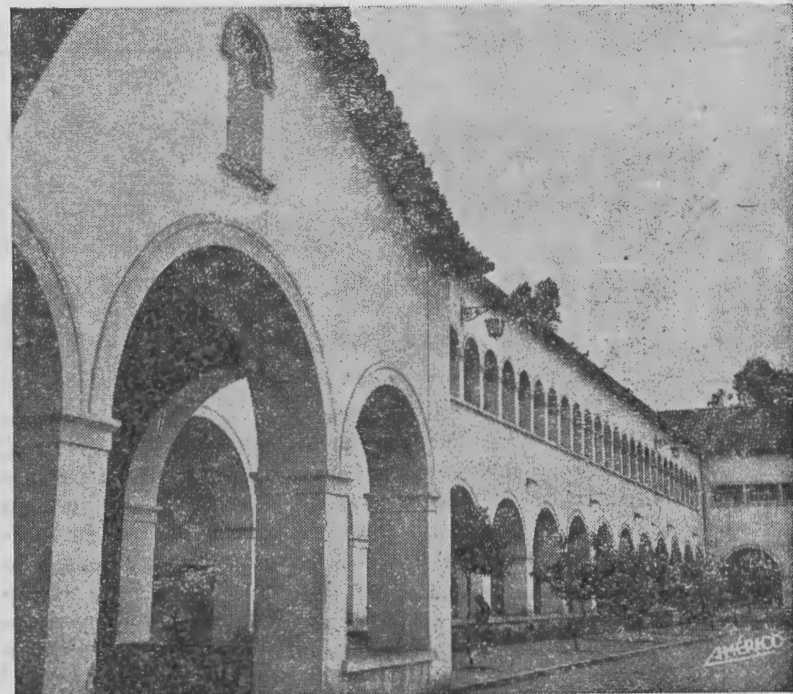
3.820\$50 — «um primeiro ordenado da minha net», vindo do Bairro da Pastelaria. 1.000\$ de Fiães. Do Asilo Gandarina, de Cucujães, 1.600\$ das

Irmãs de S. Vicente de Paulo. E 2.500\$ de Miramar. 200\$ de Gaia. De Viseu e por uma promoção, 2.700\$. Da capital, 5.000\$00. Ass. 23438, 1.000\$00. Igual quantia para a compra

## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

dum gelado aos gaiatos, na praia». 2.500\$ de Litocolor. Em cumprimento duma promessa: 1.000\$ de Fafe. 500\$ da Rua Faria Guimarães. Mais 5.000\$ de anónimos, do Fundão. 500\$ por alma de Rogério. E 10.000\$ de Gavião. 30 marcos, de algures. 1.000\$ da Senhora da Hora. 100\$ da Póvoa de Varzim. E do Pároco de Paranhos, com muito carinho, 2.500\$.

De Braga, 640\$ — «fruto de um peditório voluntário numa caixa deixada em cima da minha secretária». 10.000\$ de algures, duma Maria do Céu. 500\$ de Fomalhão. 100\$ do ass. 23386. E 1.000\$ por alma de Manuel Gonçalves e Margarida Marques. 2.000\$ da R. Leonardo Coimbra. E 500\$ de Paço de Arcos. Mais 2.000\$ do Porto, da ass. 8492. 5 contos de Alijó. 1.120\$ da capital. E 4.175\$ de Guimarães. De um anónimo, 1.651\$. De Coimbra, migalhinha de 20\$00. Letra conhecida da R. Carlos Dubini, com 2.000\$. Por alma de Va-



Casa do Gaiato de Setúbal

lente e Olinda, 100\$. Anónima, de Espinho, com 300\$. Ass. 13519, 5.000\$, comemorando «bodas de prata» e erguendo as mãos ao Senhor.

Amigos do ex-Banco Fernandes Magalhães, 10.990\$00. Da Amadora, 250\$. E 100\$ de Bragança. Mais 1.000\$ pela passagem do 20.º aniversário da Cruzada de Bem-Fazer da Boavista. Agradecendo uma graça concedida, 1.000\$ de Gavião. E 5.000\$ por intenção de António e Ermelinda. Urros — Moncorvo, um bellissimo relógio de quartzo. Ficou bem no pulso do nosso Padre Moura. E 2.000\$ das Caldas da Rai-

ma de Antónia Isabel, 1.000\$. De Amarante, 3.000\$. De Leiria, 2.500\$ habituais. E 5.000\$ de Armandina. Cheque de 1.600\$. 10 dólares de Toronto. 1.000\$ de Vila Flor. Ass. 14969: roupas e 150\$. De Cascais, 3.000\$. Da Figueira da Foz, 500\$. E 2.000\$ de Maria Teresa. 100\$ por alma de Maria José. 500\$ de Coimbra e 7.000\$ do Largo da Biblioteca. Duma Emília, 3.000\$. Anónimo da Golegã, 2.000\$. De Linda-a-Velha, 1.000\$. Sufragando a alma de João Martins, 200\$. Vale de 3.000\$, de Eirol. Mais 2.000\$ da capital. 1.000\$ de Gaia. De duas amigas da Rua Damasceno Monteiro, 1.000\$ de cada.

Cheque de 5 dólares do Canadá. 1.000\$ de M. L. 3.000\$ da ass. 28923, de Cascais. 100\$ de Coimbra. Do Movimento Igualista Português, vale de 20 contos. E 3.000\$ de Alcobça. 1.800\$ de Braga. 5.000\$ do sul. 500\$ da Praia da Granja. E 3.500\$ de Laurinda. 5.000\$ de pessoa amiga, de Chaves. 500\$ de Moncorvo. 250\$ da capital. 5.000\$ do ass. 28892. Anónimo da R. António Cardoso, 8.400\$ de várias mensalidades. Mais anónimos com 10.000\$, 4.000\$ e 5.000\$. E 1.000\$ de Coimbra. Metade de Setúbal. Conhecido de Portalegre, os 1.000\$00 mensais. 4.000\$ de Vila Nova de Ourém. 2.000\$ de Vidigal, de emigrante em férias. Um rol de donativos vindos do Espelho da Moda e entregues no Lar do Porto. Para atenuar os gastos com a publicação especial do n.º 1000 de O GAIATO, cheque de 25 contos de Maria Alice. Braga, 1.000\$. Angolína e Raquelina, metade. E ponto final com a oferta de 2.000\$, duma mulher a dias, do Porto.

Manuel Pinto

Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa